

Linguística e Alfabetização

Luiz Carlos Cagliari¹
cagliari@lexxa.com.br

Resumo

A grande dificuldade que a escola encontra para alfabetizar aqueles alunos “que nunca aprendem” reside no fato de os professores terem, em sua formação escolar, apenas estudos da Gramática Normativa Tradicional, faltando-lhes os conhecimentos e conquistas da Linguística Moderna, com relação aos estudos da linguagem oral e da escrita. Infelizmente, os conhecimentos científicos da Linguística também estão ausentes dos programas, dos currículos, das obras didáticas e das apostilas. Todavia, sem eles, alguns alunos não conseguirão se alfabetizar, seja em que escola for. A questão central da alfabetização, que é saber ler, depende essencialmente da ação da ortografia, neutralizando a variação dialetal e definindo o

valor fonético das letras. Outras noções linguísticas complementam o trabalho, ajudando o aluno a progredir com segurança.

Abstract

The greatest difficulty that all teachers face in teaching literacy, mainly when they have students who do not learn easily, relates to the fact that, during their education, the teachers get in touch exclusively with the traditional grammar. On the other hand, all new achievements and results from Modern Linguistics related to the study of oral language and writing are not object of study in their educational program. Unfortunately, the scientific achievements from Modern Linguistics cannot also be found in official documents, in

didactical books or in any sort of teaching materials. However, without the linguistic support, some students will not be alphabetised, no matter the school they may attend. The foundation of being alphabetised is the knowledge that allows a person to read. In this way, the co-relation between letters and phonetic sounds is not conveyed by the alphabetic principle; instead it is settled by orthography, whose primary function in writing is to neutralise the dialectal variations. Other linguistic achievements will help the students to progress further.

O que é a Linguística

Embora possa parecer desnecessário falar sobre o que é a Linguística, na verdade, essa questão merece um comentário introdutório,

¹ Doutor em Linguística pela Universidade de Edimburgo, Escócia e Professor do Departamento de Linguística do Instituto de Linguagem da Unicamp.

porque não é do conhecimento das pessoas, em geral, o que é realmente a Lingüística Moderna.

Para quem olha num dicionário, a palavra *lingüística* significa a 'ciência que estuda a linguagem'. Tal definição é correta, mas diz pouco, porque o que se entende por "ciência da linguagem" mudou muito nos últimos cem anos. A Gramática Normativa Tradicional, daqui por diante GT é coisa do passado, tendo sido substituída pelos estudos lingüísticos modernos. Infelizmente, a GT ainda encontra grande divulgação entre nós, é objeto de estudo nas escolas e referência em provas e exames de todos os tipos. Por outro lado, os avanços científicos da Lingüística Moderna são ignorados no processo educativo do país e não aparecem como referência nos processos de avaliação do governo, das faculdades ou das escolas. Há várias razões para isso, todas injustificáveis: o governo ainda mantém, nas suas leis, sugestões educativas e elaboração de provas, cujos conteúdos são tirados da GT e não dos estudos lingüísticos modernos.² Às vezes, tais conteúdos aparecem rotulados com referências à Lingüística Moderna, para dar uma impressão de modernidade.³ A mídia, em geral, defende a gramática tradicional e tem produzido programas e incentivado jornalistas a escreverem sobre a Língua Portu-

guesa dentro do contexto mais retrógrado da GT. Além disso, nossas escolas de formação (as Faculdades de Letras) apresentam um currículo escolar totalmente voltado para a GT, desconsiderando todas as contribuições da Lingüística Moderna.⁴ A consequência lógica e imediata da má formação profissional é um trabalho não satisfatório dos professores de Português em nossas escolas, em todos os níveis. Todos esses fatores acabaram produzindo gerações após gerações estudantes que conhecem, bem ou mal, apenas a visão da GT, sem terem acesso aos avanços da Lingüística.

... alfabetização tem a ver com uma questão lingüística diretamente. No entanto, esse rótulo leva facilmente a mal-entendidos.

Esse cenário mostra como o ensino da Língua Portuguesa tem se processado de maneira obsoleta, perdendo a oportunidade de introduzir, em nossas escolas, os avanços da "ciência da linguagem" de acordo com suas conquistas mais modernas. Como resultado dessa situação, encontramos muitos problemas na formação das pessoas, em todos os níveis, gerando, não raramente, o mal-estar de terem sido enganados e terem perdido tanto tempo escolar com um ensino equivocado.

O que é a alfabetização

O exposto acima explica a grande incompreensão que nossos professores têm da matéria que ensinam. Isso ocorre em todos os níveis, mas vamos nos ater, agora, apenas a questões referentes ao processo de alfabetização.

A alfabetização é um processo escolar em que estão envolvidos muitos fatores, de diferentes tipos, não apenas lingüísticos. Porém, deixando de lado esses aspectos, apesar da importância que têm, vamos nos concentrar apenas em aspectos lingüísticos.

Como o próprio nome diz, *alfabetização* tem a ver com uma questão lingüística diretamente. No entanto, esse rótulo leva facilmente a mal-entendidos. Pode dar a impressão de que o *alfabeto* é a questão mais importante, mas, de fato, ele não tem essa aparente importância.

Uma rápida olhada na história dos métodos de alfabetização mostra que a grande preocupação de seus autores, já expressa nos títulos das obras, é a leitura. De fato, a idéia fundamental da alfabetização é *ensinar a ler*. Alfabetizado é,

² Veja, por exemplo, o uso que ainda se faz da Nomenclatura Gramatical Brasileira, cujo texto legal ainda se lê nos dicionários mais recentes, por exemplo, o Aurélio.

³ Essa questão aparece nos Parâmetros Curriculares Nacionais e em obras didáticas que fazem referência à Lingüística como forma de propaganda e não porque incorporaram realmente as contribuições dos estudos lingüísticos. Por exemplo, é comum encontrar referência a *fonemas* significando sons do *alfabeto*. Mesmo quando aparece uma definição 'copiada', tal noção não é aproveitada na obra. Tem-se a sensação de que as pessoas, nesses casos, não sabem o que fazer com as contribuições da Lingüística.

⁴ Há exceções raríssimas. A Unicamp quis fazer a Licenciatura do Professor de Português baseada em um curso de Lingüística Moderna, mas foi sistematicamente barrada pelo MEC.

então, quem sabe ler. Saber escrever é uma habilidade que deriva do conhecimento que uma pessoa tem para ler. 'Ler' (ou 'leitura') tem muitos significados, sobretudo, nas atividades de educação (Cagliari, 1988). Nos estudos mais avançados ler, compreender, comentar, discutir etc., são habilidade importantes. Na alfabetização, os alunos enfrentam palavras conhecidas, expressões comuns, encontradas na linguagem oral das crianças e, portanto, a questão da compreensão do texto escrito, da leitura, não se coloca. Se houver necessidade de explicações, o professor diz o que for preciso. Por outro lado, na alfabetização o grande contato que as crianças têm com o ensino da leitura está voltado para palavras. As atividades iniciais da alfabetização concentram-se na *palavra*, que é, de fato, a unidade fundamental de todo sistema de escrita. Como o aluno precisa aprender a ler, precisa entender tudo sobre as relações entre a linguagem oral e a escrita. Como falante nativo, ele conhece a linguagem oral que usa no dia-a-dia. Como alfabetizando, precisa conhecer a escrita e, sobretudo, como relacioná-la com a linguagem oral.⁵

Aqui nos deparamos com duas questões sérias para o ensino e para a aprendizagem: a *escrita* e a *linguagem oral*. Espera-se, naturalmente, que o professor saiba tudo sobre a escrita e sobre a lin-

guagem oral, para poder ensinar a seus alunos (Cagliari, 1998). Contudo, em sua formação, mesmo com certo grau de sofisticação, aprendeu apenas questões de GT, e muito pouco de lingüística. Desse modo, em sua mente, há uma dose muito grande de GT e uma lacuna enorme de conhecimentos técnico-científicos a respeito da linguagem oral e da escrita. Sem esses conhecimentos, o professor dificilmente conseguirá resolver os problemas dos 'alunos que não aprendem' (Cagliari, 1989).

necessários para que uma pessoa possa saber ler e escrever, seguindo as regras que regem as relações entre a escrita e a linguagem oral (Cagliari, 1992). Desse conjunto, algumas noções são simples e de fácil assimilação, embora, às vezes, estejam também fora dos programas escolares. Outras, entretanto, apresentam alto grau de complexidade e exigem um trabalho de ensino e de aprendizagem muito sofisticados.

O exposto acima mostra e ajuda a entender porque alguns alu-

... há cerca de cinquenta conceitos básicos necessários para que uma pessoa possa saber ler e escrever, seguindo as regras que regem as relações entre a escrita e a linguagem oral (Cagliari, 1992).

Observando o que acontece nas salas de aula, nota-se claramente que muitos alunos aprendem apesar da escola, e alguns, mais exigentes, recebem informações tão estranhas a respeito da linguagem e da escrita que acabam criando um caos de idéias em suas mentes (Cagliari, 1996). Para estes alunos, a única saída é encontrar um professor que ensine todos aqueles conhecimentos técnico-científicos necessários para que uma pessoa saiba ler e escrever qualquer palavra da sua língua, por iniciativa própria. Como tenho mostrado em palestras e em publicações, há cerca de cinquenta conceitos básicos

nos se alfabetizam facilmente e por que outros encontram um obstáculo quase intransponível para eles e para seus professores (Massini-Cagliari e Cagliari, 1999). Essa situação de impasse é semelhante à dos cientistas que não conseguem explicar dados que estudam, porque não conseguem compreender a natureza do fenômeno. Se o professor dispuser de uma formação científica sofisticada, baseada nos avanços e conquistas da Lingüística Moderna, pode alfabetizar todos os alunos, em qualquer lugar do país, de modo fácil e rápido. Se os professores não tiverem tal formação, ou o aluno aprende por si, ou

⁵ Apesar de esse objetivo ser óbvio, a prática na sala de aula nem sempre leva em consideração esse objetivo da maneira como devia, de acordo com as atitudes de alguns professores, hoje em dia.

fica marcando passo na escola, repetindo ou continuando em séries mais avançadas, sem os conhecimentos e as habilidades necessárias. Nota-se que o responsável por essa situação não é o aluno, o aprendiz, mas o mestre que não sabe ensinar, a instituição escolar e o trabalho dos órgãos encarregados da Educação, que não acompanham os avanços da Lingüística.

A questão dos métodos

Antigos e modernos métodos costumam garantir resultados infalíveis, desde que 'aplicados corretamente'. Os resultados nem sempre aparecem como desejados, mas a desculpa já vem garantida: "o método não foi aplicado direito". Na verdade, nenhum método pode dar essa garantia. O que garante um trabalho com resultados satisfatórios é a ação do professor, com este ou com aquele método, ensinando as explicações técnico-científicas necessárias a cada problema que os alunos enfrentam e cobrindo uma programação bem feita.⁶ As cartilhas eram livros muito esquemáticos que dependiam de uma boa ação por parte dos professores. Sem a correta complementação dada pelo professor, as cartilhas (e outros métodos) não passavam de um *script*, deixando de ser um instrumento ou ferramenta de trabalho. O grande segredo das

cartilhas estava, sem dúvida, na habilidade do professor. Hoje, as condições de trabalho são tão ruins, a situação pessoal do professor é tão problemática, do ponto de vista de sua formação, do salário, das possibilidades de se atualizar, que não há método, apostila ou livro que possa resolver o problema daqueles alunos que não aprendem. Em muitas escolas, os professores não contam nem sequer com material didático (cartilha ou apostila) para ajudá-lo a organizar melhor suas atividades. Por outro lado, mesmo em uma escola com muitos recursos, com salas com poucos alunos, com muito material didático, a competência técnica do professor é a única solução para que o processo de alfabetização se desenvolva de maneira satisfatória.

pequenas e ditados. Pequenas frases iam surgindo à medida que mais palavras passavam para a categoria das já dominadas. As cartilhas tinham um cuidado em achar um caminho que ia do mais fácil para o mais difícil. Como, na prática, geraram muitos caminhos diferentes, conclui-se que a idéia de fácil e de difícil na aprendizagem era muito subjetiva, do autor do método, e não da situação do aprendiz.

Os alunos que progrediam tinham seus cadernos bem trabalhados. Os que não aprendiam ficavam reprovados. Quando os alunos passavam para a série seguinte, descobriam que não podiam mais contar só com as palavras 'já dominadas', que precisavam ler sem soletrar e entendendo o conteúdo do texto, e que tinham que escrever sem errar a ortografia de

Antigos e modernos métodos costumam garantir resultados infalíveis, desde que 'aplicados corretamente'.

As cartilhas sumiram, mas deixaram bem vivo, em muitos lugares, o método das cartilhas, um tipo de ensino baseado no princípio acrofônico alfabético, o famoso Ba Be Bi Bo Bu, tirado de palavras-chave, numa atividade de desmontar e montar palavras que se sucediam como palavras já dominadas, com as quais se faziam có-

palavras que nunca tinham estudado. O resultado era desastroso. O segundo e o terceiro anos eram dedicados a corrigir esses problemas (Massini-Cagliari, 2001).⁷

Com novas propostas de trabalho, as cartilhas ficaram de fora. Em seu lugar, apareceram as apostilas ou folhas de atividades. O ensino se desestruturou, o professor

⁶ Um professor experiente vai guardando na memória o que é mais difícil e o que é mais fácil para seus alunos. Com esse tipo de informação, ele pode se antecipar em suas explicações e resolver dificuldades antes que elas apareçam.

⁷ No método das cartilhas, o texto não passa de frases soltas. Essa prática acontece no material de leitura e de escrita.

Com isso, os alunos acabam tendo enormes dificuldades para lidar com textos, quer lidos, quer produzidos por eles.

ficou no meio de muita confusão metodológica e, não raramente, sem uma ação efetiva de ensino, esperando, como lhe haviam sugerido, que os alunos aprendessem, construindo hipóteses sobre a escrita, cujo conteúdo e prática nem aluno, nem professor sabiam como era. Isso gerou um caos muito grande em algumas escolas. Essa situação ficou muito clara e exposta com a promoção automática. O aluno passa um, dois ou mais anos e “nem sequer aprende a ler”, observam alguns professores das séries mais adiantadas. Essa é uma situação preocupante. Como um aluno pode ficar dois ou três anos na escola e não aprender a ler? A sua promoção, nestas circunstâncias, revela que os seus professores são altamente incompetentes como profissionais. Qualquer aluno pode aprender a ler, desde que encontre um professor que lhe explique o que é necessário saber para ler, e não fique esperando que ele descubra por si, ou acreditando que o método faz tudo.

Entre os conhecimentos básicos indispensáveis, o professor tem que ensinar o que é uma escrita ideográfica e uma escrita fonográfica, o que é o princípio acrofônico e como funciona, tem que ensinar a categorização gráfica e funcional das letras. O professor tem que explicar que letra é uma unidade abstrata, cujo valor é determinado pela ortografia: letra A é a letra que, de acordo com a ortografia da língua, ocorre num determinado contexto

de palavras, por exemplo, a segunda e a quarta letras da palavra casa. As relações entre letras e sons (leitura) e entre sons e letras (escrita) são governadas não pelo princípio alfabético, como se faz comumente, mas pela ortografia. Assim o som de u deverá ser escrito com a letra A, se o aluno, em seu dialeto, tiver pronúncias do tipo *acharu, robaru*, para palavras com o *acharam, roubaram*, e assim por diante. Isso mostra, ainda, que a função da ortografia é neutralizar a variação lingüística na escrita, e não apenas “grafar corretamente as palavras”. Mostra, além disso, que o objetivo da escrita é permitir a leitura (Cagliari, 1998): por isso é que vemos um autor português usando nossa variedade brasileira e não a dele. É claro que a escola tem a obrigação de ajudar o aluno a melhorar sua vida e isso, entre outras coisas, significa aprender o dialeto padrão. Aprender o dialeto padrão não significa abrir mão do próprio, do mesmo modo como aprendemos uma língua estrangeira, sem precisar esquecer a língua nativa.

O que se diz sucintamente acima representa uma parte pequena de tópicos que não são apresentados nem discutidos com a seriedade e a sofisticação necessárias por parte dos alfabetizadores nas salas de aula, porque nunca estudaram bem essas questões nas escolas de formação e elas, por sua vez, não aparecem nas apostilas, livros e materiais didáticos disponíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. A leitura nas séries iniciais. *Leitura: teoria e prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto e ALB, ano 7, N° 12, dezembro, p. 4-11. 1988.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Editora Scipione. 1989.

CAGLIARI, Luiz Carlos. O segredo da alfabetização. *Jornal da Alfabetizadora*. Porto Alegre: Editora Kuarup e PUCRS, ano IV, N° 20, p. 9-11. 1992.

CAGLIARI, Luiz Carlos. O alienígena que queria aprender a ler. *Jornal do Alfabetizador*. Porto Alegre: Editora Kuarup e PUCRS, ano VIII, N° 47, p. 14-16. 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetizando sem o Ba Be Bi Bo Bu*. São Paulo: Editora Scipione. 1998.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *O texto na alfabetização: coesão e coerência*. Campinas: Mercado de Letras. 2001.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis e Cagliari, Luiz Carlos. *Diante das Letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado de Letras. 1999.